

## Apresentação

Organizado, de início, em torno da equação “moda, gênero e distinção social”, esse dossiê foi se arriscando por trilhas menos exploradas ao esquadrihar a dimensão performática das roupas, dos adereços, dos trajes e, por extensão dos corpos, na conformação das relações de gênero. Os três primeiros artigos tratam da primeira parte da equação; os três restantes enfrentam os seus desdobramentos. Além da intenção de complexificar as análises nesses domínios, queremos com esse dossiê homenagear Gilda de Mello e Souza. Com olhos de lince, vigor analítico e escrita desempenada, ela é autora de *O espírito das roupas*, um dos ensaios de sociologia estética mais argutos sobre a moda de que se tem notícia – aqui e alhures.

Referência intelectual obrigatória para todos os estudiosos do assunto que vieram depois dela, esse livro – escrito há mais de 50 anos – mostra com todas as letras a dimensão espiralar da moda, entendida a um só tempo como linguagem simbólica, capaz de dar plasticidade e expressão a sentimentos difusos, como forma estética que só se realiza integralmente por meio do corpo e de seus movimentos, e como meio de marcar e sublinhar distâncias sociais. O alcance e a atualidade de *O espírito das roupas* – que, no lugar de “envelhecer”, ganha um frescor e uma atualidade inquietantes – resultam não só da mobilização de instrumentos analíticos agudos numa prosa precisa e elegante, como da transmutação da situação social de transição vivida pelas mulheres da geração de Gilda de Mello e Souza, numa chave apta a renovar a reflexão sobre as relações de gênero. Por conta da homenagem, o artigo “Modas e modos”, centrado numa leitura enviesada do livro em tela, abre o dossiê.

Na seqüência, encontram-se os artigos de Maria Claudia Bonadio, “Dignidade, celibato e bom comportamento”, e de Alexandre Bergamo, “Elegância e atitude”. Jovens e talentosos

## Apresentação

pesquisadores, ambos iniciaram-se na vida acadêmica tendo a moda como objeto de seus mestrados e o livro de Gilda como leitura de cabeceira. Atualmente no doutorado, eles encontram em *O espírito das roupas*, a inspiração e o arcabouço analítico necessários para continuarem a mirar a moda com olhos bem abertos e para evitar toda sorte de salamaleques discursivos, simplificações analíticas e exibicionismos mundanos que costumam rondar os integrantes desse campo. Recuando no tempo, Maria Claudia Bonadio detém-se nos anos de 1960 para entender como se constituiu a profissão de modelo no Brasil. Por meio dos relatos orais de ex-participantes do grupo de criação da publicidade da Rhodia Têxtil, bem como das manequins ligadas na época a essa empresa, a historiadora analisa as diferenças e semelhanças de percepção encontradas nos depoimentos das mulheres e dos homens entrevistados, com o propósito de destrinchar as marcas de gênero presentes nessas falas e suas implicações na rememoração distinta de um passado em comum.

O sociólogo Alexandre Bergamo, por sua vez, na linha dos ensinamentos de Gilda de Mello e Souza, entrelaçados aos de Bourdieu, revira pelo avesso um certo “senso comum erudito” prevalecente nos estudos da moda. Seu artigo dá “pano pra manga” ao mostrar que, embora as distinções mais óbvias no mercado da moda sejam aquelas relativas às diferenças de gêneros, estas não são universais e podem ser suplantadas ou negociadas por outros marcadores sociais. Daí o seu interesse em analisar o discurso da “elegância”, emitido por consultores de moda de reconhecida projeção nesse campo, e o da “atitude”, que perpassa o consumo de roupas por parte das camadas populares. Mas não só de análise de discursos se “alimenta” o artigo. Grande parte dos seus achados encontra-se na análise visual das vitrines de lojas populares e de elite, com especial atenção à forma distinta com que apresentam e dispõem as roupas e todo o entorno que as rodeia. Como suportes de uma materialidade simbólica avessa a explicações de ordem prática,

esses locais de consumo são o desdobramento imagético dos discursos mencionados acima.

Objeto privilegiado dos três primeiros artigos, a moda sai de cena no restante do dossiê para dar lugar a reconstituições prismáticas de três personagens mexicanas interessantíssimas: Amélio Robles, Nellie Campobello e Sor Juana Inês de La Cruz. Elas burlaram as convenções de gênero da época em que viveram, ao embaralhar os significados correntes do vestuário, do corpo e da escrita. No artigo “Amélio Robles, andar de soldado velho”, a historiadora mexicana Gabriela Cano destrincha o caso fascinante de uma jovem de origem rural, nascida Amélia Robles, que a partir de sua incorporação à Revolução Mexicana, transformou-se no coronel Amélio Robles. Centrado na história de sua masculinização radical – distinta do travestismo estratégico adotado pelas mulheres que se paramentavam com o vestuário masculino, tentando se passar por homens para lutar ao lado dos soldados ou evitar as conseqüências nefastas da guerra – o artigo mostra como Amélio Robles fez do seu corpo masculinizado uma declaração cultural e um ato político. No andamento da análise, Gabriela Cano esmiúça as poses, os gestos, o vestuário, as fotografias desse soldado da revolução, atendo-se particularmente aos significados simbólicos e culturais de sua morfologia corporal. O resultado é uma análise inovadora da guerra e das diversas apropriações da história de Amélio Robles por parte dos jornalistas que escreveram sobre ele e das feministas que o reabilitaram como mulher, na contramão dos seus desejos explícitos e de sua íntima felicidade de coronel.

Nessa revisão da história da Revolução Mexicana inscreve-se também o artigo de Mary Louise Pratt, “Mi cigarro, mi Singer y la revolución mexicana”. Atenta às conexões de sentido menos evidentes postas pela relação entre guerra, gênero e novas formas de experimentação pessoal e literária, a autora entrelaça a biografia de Nellie Campobello à análise interna de dois de seus romances: *Cartucho* e *Las manos de mamá*. Vinculando, assim, as inovações formais dessas obras à prática de dançarina da escritora

## Apresentação

que, além de romancista, foi coreógrafa e diretora da Escola Nacional de Dança e fundadora do Ballet da Cidade do México. Nesse compasso analítico, que vai do texto ao contexto, da biografia aos desafios estéticos perseguidos por Nellie Campobello, do gênero, como marcador social, ao gênero como convenção literária, estilística e artística, Mary Louise Pratt produz uma reflexão originalíssima sobre o estado de guerra e as distintas formas de historicidade desencadeadas pela Revolução Mexicana.

Por fim, o artigo de Mariza Corrêa põe de pernas para o ar a interpretação corrente a respeito de Sor Juana Inês de la Cruz, outra mexicana “do barulho”, que se destacou como uma das melhores poetisas latino-americanas do século XVII, numa época em que as mulheres eram, em sua maioria, iletradas. Na contramão das interpretações correntes, “Trampas do traje” propõe uma leitura saborosa dessa freira irrequieta, que escrevia poemas eróticos e sátiras sexuais, gostava de cozinhar e não hesitava em afirmar que “se Aristóteles tivesse cozinhado, muito mais teria escrito”. Ao contrário do que dizem vários dos comentaristas de sua obra, Mariza Corrêa mostra que Sor Juana, no lugar de se masculinizar, obrigou seus interlocutores a se feminizarem para se oporem a ela.

Tais são as linhas fortes que costuram o “gênero da moda e outros gêneros” explorados nesse dossiê. “Moda, México e revolução” seria outro título possível. Deixo a cargo do leitor/leitora a decisão final. Mas antes, quero registrar aqui os meus agradecimentos aos autores dos artigos, a Plínio Dentzien pela tradução impecável do ensaio de Gabriela Cano, a Iara Beleli e Heloisa Buarque de Almeida pela editoração dos textos, a Margaret Lopes e todas as pesquisadoras do Pagu pela acolhida generosa.

Heloisia Pontes